

---

## CONSTRUINDO A HISTÓRIA DOS POVOS INDÍGENAS DA BACIA DO BAIXO PARAÍBA DO SUL

*Falcão, H.G.<sup>1</sup>, Teixeira, Simonne<sup>2</sup>.*

<sup>1</sup>UENF/Laboratório de Estudos do Espaço Antrópico, hullyfalcao@gmail.com

<sup>2</sup>UENF/Laboratório de Estudos do Espaço Antrópico, simonne@uenf.com

**Resumo** - Este trabalho tem como objetivo reconstruir a história dos povos indígenas da bacia do baixo Paraíba do Sul através da leitura crítica dos viajantes, cronistas e memorialistas. Estas obras quando lidas com rigor científico são indispensáveis na construção do conhecimento arqueológico e histórico, pois os relatos feitos por eles seguem um contexto cultural diferente do indígena, sendo muitas vezes permeados por (pre)conceitos e idéias etnocêntricas. Contudo, compreendendo o período em que escrevem, assim como suas posições e papéis sociais, esses relatos se constituem matéria prima para construção da memória da região e o conseguinte conhecimento, dessas sociedades indígenas que habitaram a região. Estes grupos indígenas se constituem em Goitacá, Puri, Coroadó e Coropó, classificados como pertencentes ao grupo lingüístico Jê, assim, discutiremos como esses viajantes os representavam e qual o contexto do período em que estes relatos são escritos.

**Palavras-chave:** cultura, relatos, memória, patrimônio.

**Área do Conhecimento:** Sociologia

### **Introdução**

Este projeto pretende a par a realização do inventário dos sítios histórico-arqueológicos das regiões Norte e Noroeste Fluminense, realizar o levantamento, leitura, análise e registro das fontes documentais que dizem respeito aos povos indígenas que habitaram o baixo Paraíba do Sul entre os séculos XVI e XIX.

Um quadro histórico sobre a ocupação na região, com base nos fichamentos e resenhas das obras selecionadas para leitura está sendo elaborado a partir da leitura dos cronistas, viajantes, memorialistas e relatórios históricos diversos. Neste quadro reunimos diversas informações textuais sobre

estes povos, como costumes, produção de artefatos, moradia, tipos de produção, etc., com o intuito de posteriormente, confrontá-la com os dados provenientes da arqueologia, construindo deste modo a história indígena desta região.

Esses relatos se fazem importante por se constituírem de fato, na maioria das vezes, nas únicas informações sobre os povos indígenas que habitavam o baixo Paraíba do Sul. Cabe ressaltar que cada autor tinha sua própria interpretação acerca do que se via, seguindo preceitos e contextos sociais no qual estavam inseridos; construam suas interpretações com base no contexto vivido e pensado por eles.

## Metodologia

A metodologia teve por base a revisão bibliográfica dos viajantes, cronistas e memorialistas para reconstruir a história indígena da região em questão. É importante explicitar para tanto quem eram eles. Desde a ‘descoberta’ do Brasil por Portugal, muitos homens vieram para cá para desbravá-lo e estudá-lo. Eles partiam de sua terra natal em expedições científicas e religiosas, viagens aventureiras, com o intuito de descrever o que viam, como a flora, a fauna e as sociedades indígenas, vistas como extensão destas, devido as suas formações em ciência natural<sup>1</sup>. Com isso seus relatos eram baseados em comparações evolucionistas, preponderante nas ciências naturais e é através desse universo mental que toda a realidade com que eles entram em contato é observada, vivida e descrita, inclusive o próprio registro sobre as tribos indígenas encontradas e suas características (MONTEIRO, 1996:16).

Esses relatos podem ser considerados etnografia, já que contam com elementos suficientes para a compreensão do passado. Embora, muitos argumentem que, por não serem direcionados pela técnica da etnografia não constituem, de fato, uma etnografia; sendo mais bem qualificadas de fontes secundárias usadas para complementação de uma pesquisa.

Porém, Florestan Fernandes, chama a atenção para a importância desses relatos de viagem para a reconstrução das sociedades indígenas, visto que, os viajantes estão presentes no tempo e no espaço que descrevem. Oliveira Filho igualmente, afirma que

a crônica deve ser conceituada enquanto modalidade específica de produção intelectual, orientada por certas normas técnicas de recorte, verbalização e sistematização da realidade observada (OLIVEIRA FILHO, 1987:91)

Por isso, as pesquisas calcadas nos relatos de viajantes e cronistas, mas lidas com rigor científico constituem ótimas fontes para a pesquisa.

Assim, para se conhecer a área geográfica, a etnia, os costumes e as tecnologias indígenas, descritas em seus relatos foram confeccionados quadros com as informações tiradas dos livros, que, por sua vez, foram tabeladas e colocadas de forma que simplificasse a sua visualização. A organização das informações nestes quadros permite também o confronto dos diferentes relatos, o que nos dá a idéia da área ocupada pelos índios Puri, Coroado, Coropó e Goitacá.

É interessante fazer uma ressalva no tocante a quantidade de relatos deixados que fazem menção aos grupos indígenas classificados como Tupiguarani e Jê. Como os povos de língua Tupi, foram os que mais entraram em contato com os viajantes, visto que se localizavam em sua maioria no litoral, o volume de informações sobre eles contribuiu para

<sup>1</sup> Muitos eram botânicos, filósofos naturais e naturalistas. Poucos são os que têm formação humanística.

um maior conhecimento de sua organização social.

Dos povos associados ao grupo Jê que habitavam o interior do Brasil, pouco se conhece sobre sua língua e sua vida, pois os contatos com estes grupos eram mais raros. Além disso, segundo Monteiro (1996), no período imperial os Tupi começaram a ser reconhecidos como elementos formadores da identidade brasileira. E, os Tapuias<sup>2</sup> eram tidos, pelos pensadores do Império, como índios traiçoeiros e selvagens que dificultavam o avanço da civilização, por isso o pouco interesse por eles.

### **Resultados**

Dentre os resultados obtidos até o momento, com a revisão bibliográfica, mostraremos aqui alguns dados encontrados nesses relatos acerca dos povos indígenas que habitaram a região do baixo Paraíba do Sul. É importante observar que muitos dos cronistas que os descrevem não chegam a entrar em contato com eles, limitando-se a repetir o que outros autores escreveram. As descrições acerca dessas sociedades indígenas, são permeadas por conotações pejorativas e preconceituosas, como veremos na grande maioria dos relatos.

Como já citado anteriormente, as tribos que se encontravam aqui eram os Goitacá, os Puri, os Coroado e os Coropó, considerados pertencentes ao grupo Jê. Os Goitacá, de acordo com Simão de Vasconcelos que escreve em fins do século XVI, habitavam entre o rio Macaé e Paraíba do Sul, eram divididos em três ramos, Goitacá-

camopi, Goitacá-guassú e Goitacá-jacoritó, e todos viviam em constante hostilidade uns com os outros.

Um viajante no mesmo século, Jean de Léry em seu relato enfatiza a rivalidade desta tribo, não entre eles, mas sim com os Tupinambás, o qual estes, cantando ameaçavam-os, dizendo que os comeriam em ritual de guerra<sup>3</sup>. Porém neste canto chamam a atenção para o fato dos Goitacá serem considerados mais guerreiros e que assim, os Tupinambá não conseguiriam atacá-los. Esses dois autores em seus relatos afirmam que os Goitacá eram ferozes, arredios e que eram hostis as tribos vizinhas.

Outro autor, seiscentista, Gabriel Soares de Souza, descreve-os como muito valente, forte e ótimos guerreiros. Caçavam tubarão com uma estaca à mão, e confeccionavam flechas com pontas feitas com os dentes dos tubarões. Cantavam e dançavam como os Tupinambás, plantavam pouco, pois eram ótimos caçadores e nadadores. A partir desses relatos não se tem mais nenhum relato original até o século XIX acerca dos Goitacá, ao que parece com as leituras dos viajantes posteriores, os próximos relatos são apenas cópias desses viajantes citados acima<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> Como é sabido, de acordo com Florestan Fernandes, os Tupinambás comiam em ritual antropofágico seus prisioneiros de guerra, para vingar seus mortos em combate.

<sup>4</sup> “As planícies, que se estendem ao sul do rio Paraíba, eram outrora habitadas pelas tribos selvagens e guerreiras dos ‘Uetacás’ ou Goitacás, que Vasconcelos coloca entre os tapuias, porque falavam uma língua diferente dos dialetos da língua geral. Dividiam-se em três tribos, Goitacá Jacoritó, Goitacá Açú e Goitacá Mopi, que mantinham perpétua hostilidade entre si e contra seus vizinhos” (MAXIMILIANO, 1989).

<sup>2</sup> Nomenclatura atribuída aos povos Jê pelos Tupi, de quem eram rivais,

Contudo, nota-se nos relatos que o desaparecimento desse povo considerado guerreiro, que tornava as terras alagadiças da planície inconquistáveis perante a Coroa (RIBEYROLLES, 1980), se deu pela catequização, aldeamentos, assimilação (ou aculturação) da cultura européia e até mesmo pelo extermínio dos Goitacá, pode-se observar,

Os jesuítas esforçaram-se em reunir índios em aldeias e converte-los ao cristianismo, o que conseguiram com uma pequena minoria. Os demais continuavam hostis. Iniciou-se logo depois uma verdadeira guerra de extermínio contra os índios, movida pelos colonos portuguesas, resultando dela o massacre da maioria dos Goitacás, a retirada de uns para as florestas e o estabelecimento de alguns poucos que haviam tomado hábitos sedentários, por ali mesmo<sup>5</sup>  
(TSCHUDI,1980:20)

<sup>5</sup> Pode ser observado outro relato que fala sobre a catequização e o aldeamento dos Goitacá em São Lourenço (Niterói) , no qual o autor neste relato chama atenção para a dificuldade de “civilizar” esta tribo, “Finalmente, porém os jesuítas que tal modo se tornaram capazes de civilizar essas tribos selvagens, conseguiram pela paciência, doçura e perseverança, dominar também o caráter intratável dessa tribo (...) Quando Mem de Sá fundou São Sebastião (Rio de Janeiro), em 1567, mandou construir a aldeia de São Lourenço para os índios que se haviam distinguidos nas lutas contra os franceses e os

As outras sociedades indígenas que habitaram a região Norte e Noroeste fluminense, Puri, Coroado, e Coropó, apenas começam ser citados, a partir do final do século XVIII. O primeiro relato que faz referências a essas tribos é de Couto Reys. Sua viagem ocorreu no ano de 1785, e nesta ocasião os Coroados e Coropós<sup>6</sup> já estavam aldeados, entre a Serra da Frexeira (São Fidélis) e o rio Pomba. Os Puri, de acordo com a leitura dos relatos, no início do século XIX eram ainda encontrados em estado ‘selvagem’. Porém, a maioria já estava inserido no processo civilizatório. Este processo fez com que muitos de seus costumes fossem perdidos, havendo assimilação da cultura européia. Como observa Tschudi,

Nos locais onde atualmente se abatem árvores, haverá, dentro em breve, roças e pastagens, e na medida que a cultura for penetrando na floresta, os indígenas forçosamente irão sendo forçados a se retirar. Mas tal processo de penetração se desenvolve na periferia de todas as

tupinambás, seus aliados, contribuindo para a expulsão dos últimos; colocou-os sob a direção de um certo Martim Afonso. Os jesuítas introduziram ai os ‘Goitacazes’ recém-convertidos, para de novo povoar esses lugares. Assim, os índios que atualmente habitam São Lourenço são descendentes dessa tribo” (MAXIMILIANO, 1989).

<sup>6</sup> Alguns viajantes acreditam que os estas tribos eram descendentes dos Goitacá, pois na colonização da planície de Campos, muitos fugiram para as florestas, além disso, a língua falada entres eles são parecidas, classificadas como não Tupi.

colônias existentes, de modo lento e contínuo, e o círculo se fecha cada vez mais, impondo ao índio o dilema inexorável, assimilação ou rendição. (...) o que se pode prever com certeza é que, dentro em poucos decênios, os índios serão expulsos do território da província do Rio de Janeiro e procurarão refúgio no da província do Espírito Santo (idem: 30).

Este processo de penetração da cultura européia na cultura indígena se dá, principalmente, através da catequizaçã<sup>7</sup> e dos aldeamentos da população indígenas. Onde estes são forçados a trabalhar para sobreviver, pois como bem mostra Tschudi, seus territórios estão sendo tomados pelos brancos. Além disso, o desaparecimento não se deu por completo, pois as culturas indígenas influenciaram nos usos, costumes e na língua portuguesa falada no Brasil. (SAMPAIO & TESCHAUER, 1955).

### **Discussão**

Para compreensão e reconstrução da história indígena nota-se a necessidade do uso desses relatos, pois, como se sabe esses povos indígenas não deixaram escritos sobre eles mesmos,

---

7 Burmeister descreve que há uma velha aldeia próxima a Aldeia da Pedra, fundada por franciscanos. O franciscano Florido de Castelo batizou neste local mais de 700 Coroado e 200 Puri. (BURMEISTER,1980)

restando-nos uma possível interpretação de sua organização social, política e econômica a partir do legado desses deixados pelos viajantes e cronistas. Contudo, é importante falar novamente de que não podemos nos apoiar nesses relatos sem uma visão crítica da história. Visto que eles são produzidos a partir do contexto da época, com posições sociais e intelectuais distintas.

Os relatos entre o século XVI e XVIII são marcados pela visão colonialista e religiosa da realidade, pois, como pode ser observado, quando descreviam os povos indígenas, os tratavam de “castas de gentios”, onde viam a necessidade da catequizaçã para que deixassem de ser impuros e imorais. Já os relatos do século XVIII em diante, são marcados pelas teorias raciais evolucionistas influenciadas pelo darwinismo, posto que a formação desses viajantes e cronistas, como já citado, era voltada para as ciências naturais e biológicas. Nota-se, no entanto, que independente do período em que são escritos, os relatos apresentam-se etnocêntricos.<sup>8</sup> Além disso, esses relatos muitas vezes são produzidos a partir de outros já escritos, tornando-os por vezes duvidosos. Assim, deve-se na análise dessas fontes primárias compreender o momento em que são escritos, para, desta forma, não tomá-los como uma verdade absoluta.

Outro fator que pode ser observado no século XIX é de que ao contrário dos viajantes influenciados pela Igreja, alguns viam na catequizaçã algo terrível para a população indígena,

---

8 Segundo Florestan Fernandes, os cronistas e viajantes eram “agentes de expansão do mundo ocidental” (1975:272).

principalmente os viajantes alemães. Isto ocorre, pois há a influência das idéias positivistas vigentes nesse período, que viam a Igreja como um elemento irracional que dificultava o progresso para uma civilização calcada nos parâmetros europeus. E também, um outro elemento que possibilitava esse pensamento mais racional era o protestantismo, o qual estava ganhando forças na Alemanha em fins do século XIX.

Ainda seguindo esse ideal de civilização, muitos relatos afirmam que nunca haverá assimilação total da cultura européia pelos povos indígenas, pois estes sempre vão estar presos a selvageria e brutalidade, já que não compreendem a necessidade da cultura européia. Outros constroem uma hierarquia racial, onde colocam os brancos como superiores, e os negros e os povos indígenas como inferiores.

Esses relatos, como antes observado, são permeados pelas teorias raciais, e pelo darwinismo social, vigente na época em que são escritos. Moreira (1996) afirma que no pensamento intelectual brasileiro deste período existiam duas vertentes das teorias raciais: uma pregava a assimilação do índio através da miscigenação e a outra a completa exterminação, visto que o índio era sinônimo de atraso. Pois,

o que estava em jogo, evidentemente, era a caracterização do Brasil enquanto país civilizado, ou pelo menos como um país capaz de superar o atraso e as contradições para alcançar um lugar ao lado das luminosas civilizações do

hemisfério norte  
(MOREIRA, 1996:18).

Assim, se vê o quanto é importante ter conhecimento do período em que o relato é escrito, para dessa forma, não se interpretar de maneira limitada e inocente os dados deixados pelos viajantes para uma construção do conhecimento histórico da região do Norte e Noroeste Fluminense.

### **Conclusão**

Deste modo, a reconstrução da história das populações indígenas do baixo Paraíba do Sul é de suma importância para o conhecimento da história regional e do patrimônio cultural da região. Pois, a partir daí criam-se os laços, a identidade e o sentimento de pertencimento com o lugar vivido e repensado. Não deixando é claro essa história se perder com o tempo, guardando-a na memória coletiva e individual da população desta região. Além disso, aproxima mais as populações indígenas de nós, posto que na maioria das vezes temos eles como os outros, e não como integrantes de nossa cultura e de nós.

### **Referências**

BURMEISTER, H. Viagem ao Brasil através das Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

BUSTAMANTE, H. Sertão dos Puris. História do Município de Santo Antônio de Pádua. Rio de Janeiro: Casa do Homem de Amanhã.

- CARVALHO, A. Apontamentos para a História da Capitania de São Tomé. Campos, Leith Carneiro, 1888.
- CASAL, M.A. Corografia Brasilica. Relação Histórico-Geografica do Reino do Brazil. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1817.
- COUTO REIS, M.M. Descrição Geográfica, Política e Cronográfica do Distrito dos Campos dos Goitacazes. Rio de Janeiro, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 1998.
- FERNANDES, F. *Um balanço crítico da contribuição etnográfica dos cronistas*. In: A investigação etnológica do Brasil e outros ensaios. Petrópolis. Ed. Vozes: 1975. P. 191-289.
- LÉRY, J. Viagem à Terra do Brasil. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército, 1960, Col. General Benício, vol. 5.
- KNIVET, A. Peregrinações de Antônio Knivet no Brasil do Século XVI. Rio de Janeiro, Livraria J. Leite.
- MAXIMILIANO, Príncipe de Wied-Neuwied. Viagem ao Brasil. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1989.
- MELLO, J.A.T. Campos dos Goitacazes. Rio de Janeiro, Typ. Laemmert e G, 1886.
- MONTEIRO, J. *As "raças" indígenas no pensamento brasileiro do império*. In: MAIO, M. Chor et Santos, Ricardo Ventura (orgs.) Raça, ciência e sociedade. Rio de Janeiro. Ed. Fiocruz: 1996. P. 15-22.
- OLIVEIRA FILHO, J.P. *Elementos para uma sociologia dos viajantes* In: OLIVEIRA FILHO, João Pacheco (org.) Sociedades Indígenas e Indigenismo no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero/UERJ, 1987.
- PASSALACQUA, C. Assumptos. Apresentado em sessão ordinária do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro em outubro de 1898.
- PIZARRO E ARAÚJO, J.S.A. Memórias Históricas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945, Col. Biblioteca Popular Brasileira, vol. 3.
- RIBEYROLLES, C. Brasil Pitoresco. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.
- SALVADOR, Frei Vicente do. História do Brasil, 1500-1627. Volume 49 de Coleção Reconquista do Brasil. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1982.
- SAMPAIO, T., TESCHAUER, C. Os naturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIX e a etnografia indígena. Salvador: Progresso Ed., 1955.
- SOUZA, G.S. Notícias do Brasil. São Paulo, Livraria Martins, Col. Histórica Brasileira.
- \_\_\_\_\_. Tratado Descritivo do Brasil.
- TEIXEIRA, Simonne et alli. *Viajantes, Cronistas e Memorialistas: contribuição à pesquisa sobre a Aldeia da Pedra/Itaocara – RJ*. In Anais do GT Nacional de História Cultural/ANPUH - III Simpósio Nacional de História Cultural III Simpósio Nacional de História Cultural. Florianópolis: Imprensa Universitária, UFSC
- TSCHUDI, J.J. Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.
- VASCONCELOS, S. A vida do venerável de Padre Anchieta. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro (Imprensa Nacional), 1943.
- SAMPAIO, T., TESCHAUER, C. Os naturalistas viajantes dos séculos XVIII e XIX e a etnografia indígena. Salvador: Progresso Ed., 1955.